

Processos de fenomenologia e(m) ensino dialógico: um diagnóstico de leitura no DF

Robson Coelho Tinoco¹
Marília de Alexandria²

Resumo:

A proposta neste artigo, destacando o binômio fenomenologia – dialogia, considera a importância de um método de investigação sistemática, aplicado em uma pesquisa sobre prática de leitura, com 291 alunos do ensino médio do DF. Visa, assim, à análise de uma dada experiência humana – a de ler –, considerando, ainda, que há implicações metodológicas distintas para a pesquisa qualitativa, seja com relação ao objetivo, à abordagem do objeto e à construção de sentidos de percepção dialógica. Para tanto, considera-se que Husserl entende que a consciência pura – por ex., o prazer de ler – pode ser prescindida da consciência empírica – ler com alguma intenção estabelecida. Considera-se também que Bakhtin avalia, sob a óptica da dialogia, a importância de uma percepção da relação instituída entre os sujeitos, além do espaço social que ocupam nessa relação. Entende-se que essa pesquisa, e posterior análise, pode levar à reflexão de como deve ser a atuação do professor, também de língua portuguesa, diante do fenômeno de exclusão social – estabelecida entre grupos de leitores e não-leitores; leitores de textos clássicos e populares. Ainda, que possibilitaria a discussão entre alunos no sentido de se buscarem formas de “intervenção produtiva” a fim de se estabelecer a inclusão social dos indivíduos (que têm práticas de leitura e os que não a possuem).

Abstract:

The proposal in this article, highlighting the binomial phenomenology - dialogia, considers the importance of a systematic method of research, applied in a search on practice of reading, with 291 high school students from the DF. It is therefore, the analysis of a particular human experience – to read – considering also that there are different methodological implications for the qualitative research, either with respect to the goal, the approach of the object and the construction of senses of perception dialogic. To that end, it is considered that Husserl believes that pure consciousness – eg., the pleasure to read – can be prescindida of empirical consciousness – read with any intention established. It is also assessed that Bakhtin, in terms of dialogia the importance of a perception of the relationship established between the subject, beyond the social space they occupy in the relationship. It is understood that this search, and subsequent analysis, can lead to reflection of how it should be the role of teacher, also in Portuguese, before the phenomenon of social exclusion – between groups of readers and non-readers, readers of classical texts and popular. Still, that allow for discussion among students in order to seek ways of "productive intervention" in order to establish the social inclusion of individuals (who have practice of reading and those who do not have to).

Edmund Husserl propõe, ainda em inícios do século XX, um método de pensar os fenômenos ousadamente objetivo vinculado a uma posição idealista transcendental, em que “o outro” não é incorporado dentro “do sujeito”, mas recebe uma existência de significado inteiramente separada. Sob tal proposta investigativa, e tomando como base conceitual duas ciências fundamentais à época – a matemática e a psicologia –, a

¹ Professor adjunto IV, Doutor em Literatura Brasileira (UnB), professor do Depto. de Teoria Literária e Literaturas-IL-UnB. e-mail: robson@unb.br

² Professora Nível III, Mestre em Educação Musical (UFG), professora da Escola de Música de Brasília. e-mail: mariliadealexandria@hotmail.com

fenomenologia, assim, pretende se apresentar como estudo descritivo de todos os fenômenos que se apresentam ao nosso olhar (por ex., de aluno, de professor, enfim, de pessoa sociabilizável), com a imperiosa suspensão de qualquer julgamento prévio.

Como outro suporte de referências conceituais para tal investigação objetiva, a dialogia, para Mikhail Bakhtin, propõe-se a considerar que a autopercepção de um ser só existe, ou se tem percepção crítica de sua existência, na medida em que se percebe a existência de um outro ser interagindo, compreensivelmente, com ela. Isso leva a um outro princípio da fenomenologia adotado por ele, e mesmo Merleau-Ponty, que trata da impossibilidade de se voltar (diretamente) a uma realidade anterior. Nesse sentido, Bakhtin considera que o pensamento é afetado pelas palavras dos outros, apesar de acreditar que a há um caminho através da linguagem que leva a uma realidade mais direta.³

A proposta-base neste artigo, destacando o binômio fenomenologia - dialogia, considera a importância de um método de investigação sistemática da consciência e seus fenômenos mentais em relação ao mundo real. Visa, assim, a uma análise rigorosa de uma dada experiência humana – a de ler –, propondo uma reflexão que torne possível observar as coisas tal como elas se manifestam em sua expressão original, bem como descrevê-las. Propõe avaliar, ainda, que há implicações metodológicas distintas para a pesquisa qualitativa, seja com relação ao objetivo, seja com relação à abordagem do objeto, seja com relação à construção de sentidos de percepção dialógica e indicadores.

Nesse sentido, a pesquisa qualitativa não é do tipo de pesquisa para a qual simplesmente não se considera um número grande de elementos avaliados, nem se limita com um tipo de objeto que permite uma abordagem menor da ciência. Isso porque, em tese, não poderia fixar com fundamento as leis que estabelecem relações determinantes ou probabilísticas entre eventos pesquisados. Considere-se, pois, que “the highest principle of phenomenology, apodictic evidence, is precisely a call for the presentation or bringing forth (*e-videre*) of objects to an immediate and self-present intuition⁴. Considere-se, também, que o sentido aplicativo de “redução”, do ponto de vista fenomenológico, é sobretudo um exercício concreto de observação do mundo – no caso deste artigo, pode-se dizer, “do mundo da leitura”.

³ HERRICK, 2006.

⁴ ALLISON, 2007, p. 5. (“o mais alto princípio da fenomenologia, a evidência demonstrável, é precisamente um chamado para a apresentação de objetos para uma intuição imediata e auto-presente”)

Ainda, como fundamentação da pesquisa realizada, pode-se destacar que o ponto de partida do projeto fenomenológico Husserliano se baseia na importância de estabelecer uma nítida distinção entre questões psicológicas e epistemológicas. Assim, deve-se entender que tais reduções fenomenológicas significariam uma possibilidade de pensar o domínio da consciência pura sem pressupor qualquer outra factualidade no mundo real dado. Para Husserl, esse tipo de atitude está em nosso âmbito social, o que nos torna capazes de estabelecer conjecturas sobre a consciência subjetiva, por exemplo, educacional, e seus objetos, por exemplo, livros e processos de leitura.

Assim, sob o conceito protosseiológico de “às coisas mesmas”, perimetrado pelo contexto semiótico de Charles Peirce⁵, pode-se considerar que Husserl entende que a consciência pura – por ex., quando do ato de ler – pode ser prescindida da consciência empírica – por ex., quando se lê com alguma intenção estabelecida; todavia, o inverso não se aplica. Note-se que dessa maneira, basicamente, é que certas estruturas formais da consciência são exemplificadas nas mentes humanas. Também é importante entender que, para Husserl, essa abstração essencial vem acompanhada de várias outras abstrações, que nos leva a descoberta das essências de um fenômeno considerado, como a leitura considerada como importante pelo próprio ato de ler.

Mais especificamente, quanto a uma leitura realizada em ambiente escolar – enquanto possibilidade de fenômeno de aprendizagem considerado pela pesquisa qualitativa aqui desenvolvida –, deve-se pressupor que os fenômenos se apresentam a nós por meio de determinados “sentidos ativados” que se estruturam como dotados de um sentido básico ou de uma dada “essência”. Quanto ao sentido de recepção, de um lado situa-se o efeito, condicionado pela obra que transmite orientações prévias e, de certo modo, imutáveis, porque o texto conserva-se o mesmo, ao leitor; de outro, a recepção, condicionada pelo leitor, que contribui com suas vivências pessoais e códigos para dar vida à obra e dialogar com esta. Sobre essa base, de mão dupla, acontece a fusão de horizontes, equivalente à concretização do sentido.⁶

Ainda sob tal estrutura, digamos fenomenológica, o princípio de uma dada intencionalidade – ler porque na escola tem de se ler, porque lá se está para isso – é que a consciência é sempre consciência de alguma coisa. Assim, na medida em que lê mais, desenvolve-se, dialogicamente, a consciência crítica que se liga a um dado objeto

⁵ PIGNATARI, 1987; COELHO NETTO, 1990.

⁶ ZILBERMAN, 1990.

manifestado no mundo social do leitor. Esse objeto, para Bakhtin⁷, só pode ser definido em sua relação à consciência, sendo a manifestação de um objeto-para-um-sujeito. Para Bakhtin, mesmo fenomenologicamente, o *ato dialógico* é concebido como evento que acontece na unidade espaço-tempo da comunicação social interativa, sendo por ela determinado. Com isso, entende-se tudo o que é dito como determinação rigorosa do lugar de *onde* se diz. E, por determinação, entende-se todo posicionamento elaborado pela mente que, em vez de tornar a ação absoluta, *relativiza-a*.

À fenomenologia, assim, cabe elucidar a essência dessa correlação na qual não somente aparece tal ou qual objeto mas se estende – em sentido de extensão dialógica – ao mundo inteiro. Ainda, sua principal função será analisar as vivências intencionais da consciência – por exemplo, do aluno (ente sócio-histórico) a suas obrigações de leitura – e para perceber como aí se produz o sentido dos fenômenos, o sentido desse fenômeno global que se chama mundo. Husserl procura substituir uma fenomenologia limitada por uma fenomenologia que dispensa a ontologia como disciplina distinta, que seja, pois, à sua maneira, ontologia — ciência do ser⁸.

Pela análise dos dados da pesquisa, percebeu-se que a leitura dos textos apontados possibilitou a aquisição de vários níveis de conhecimentos a respeito de como ocorre, por ex., o fenômeno de exclusão social. Também, como se apresenta a questão da identidade e sua relação com o contexto social do qual o indivíduo-aluno faz parte. Entende-se que a pesquisa, e sua posterior análise, permitiu a reflexão de como deve ser a atuação do professor, também de língua portuguesa, diante do fenômeno de exclusão social tão visível em nossa sociedade – fortemente estratificada entre grupos de leitores e não-leitores; leitores de textos clássicos e populares. Permitiu, ainda, a discussão entre alunos no sentido de se buscarem formas de “intervenção produtiva” para que se estabeleça a inclusão social dos indivíduos (que têm práticas de leitura e os que não a possuem) em todos os estratos sociais.

Nessa linha, considera-se que é fundamental (re)conhecer e os níveis – objetivos e subjetivos – e de mensagens e imagens abordadas nos livros lidos, a fim de apreender neles as devidas lições para uma futura ação, diária, mais voltada à dialógica integração entre o sentido ético e estético da própria autopercepção histórica do indivíduo. O objetivo principal, com tal atitude, é reorganizar mesmo a noção contemporânea de

⁷ BAKHTIN, 1997.

⁸ DARTIGUES, 2003.

vida social, que está acentuando o processo de degeneração, desagregação e destruição das forças produtivas – entenda-se o homem, a natureza e o trabalho.

- Sobre a pesquisa

Uma pesquisa de base qualitativa, realizada ao longo de 2002, ouviu 278 estudantes do ensino médio, em três escolas do Distrito Federal – duas da rede pública e uma da rede particular –, a fim de compor um primeiro retrato da leitura no Distrito Federal. O projeto *Novos olhares sobre a leitura literária*, desenvolvido por cinco alunos da graduação em Letras (na disciplina Laboratório de literatura para o ensino fundamental e médio), da Universidade de Brasília, compilou dados tanto quantitativos como qualitativos. Observe-se que esses dados ainda serão melhor avaliados sob critérios estatísticos a ser inseridos em uma pesquisa bem mais ampla, com 3.000 alunos de ensino médio. Esta “pesquisa maior” tem o objetivo geral de avaliar informações sobre a realidade de leitura do Distrito Federal, considerando elementos sócio-culturais tais como metodologias didáticas, teorias aplicadas, características de acesso à informação, atividades artísticas, apoio familiar, estrutura educacional etc.

Enfim, com relação à pesquisa aqui apresentada nota-se que, por exemplo, autores como Machado de Assis, José de Alencar, Mário de Andrade e Aluísio de Azevedo figuram entre os autores mais lidos para um grupo de 87 alunos das escolas públicas. Quanto à escola particular pesquisada, onde 191 alunos foram questionados, aparecem nomes de autores mais atuais como Paulo Coelho e Luís Fernando Veríssimo como preferenciais, considerando autores clássicos como Machado de Assis e José de Alencar.

Outro dado também interessante, é que o gosto pela leitura e seus benefícios (pense-se em leitura por prazer, para realizar pesquisas, para ter contato com informações políticas etc.) também aparece mais destacado quanto a alunos das escolas do governo – nas públicas, 79% gostam de ler; contra 71% da particular. Ainda, sobre a pesquisa, cerca de 86% dos alunos da rede pública, afirmam ter aprimorado mais seu senso crítico, por meio da leitura. Na escola particular esse número foi de 70%. Quanto ao fato de a leitura “ajudar a compreender melhor” o mundo em que vivem, 70% dos alunos da escola pública relatam isso, contra 62% da particular.

A explicação para tal fenômeno dialógico – ler / lendo-se –, articula o sentido de exotopia de Bakhtin e a idéia, de Husserl, de que a fenomenologia nasce como

autoexplicação do meu ego⁹. Nessa linha, as respostas dadas podem estar ligadas a vários fatores como:

- dificuldades estruturais das escolas públicas, que contam com pouco material didático diversificado para os alunos e acabam baseando muito seu ensino em rotineiras leituras de obras mais clássicas, de acesso mais fácil;
- quanto a essas obras mais clássicas, a maior facilidade que o aluno da rede pública tem de encontrá-las em bibliotecas, sebos, à venda em bancas de revista, por exemplo, por preços bem em conta;
- facilidades estruturais que os professores da rede particular têm de levar seus alunos a museus, cinema, teatros e a outros contextos, que acabam contribuindo para a “redução” dos índices de leitura propriamente de livros;
- o poder aquisitivo dos alunos da rede privada, que podem acompanhar informações sobre listas de livros mais vendidos, por exemplo, em revistas semanais, e mesmo comprar prontamente os lançamentos divulgados pela imprensa.

Em tese, compensar essas deficiências com a prática de leitura é algo positivo, mas os motivos que a geram é que não são. O resultado da falta de políticas destinadas ao incentivo da leitura é que, hoje, das cerca de 140.000 escolas públicas de ensino médio, no país, 74% não possuem bibliotecas minimamente adequadas, em termos de espaço físico, e qualidade / quantidade de livros. Isso, sem contar com os “bibliotecários de plantão” que, não raro, são professores afastados, por vários motivos, de sua atuação em sala de aula.

Mas a raiz (ou raízes) do problema, não estaria apenas nos problemas sócio-econômicos dos alunos e em questões estruturais das escolas. Uma pesquisa da Unesco, divulgada em 2003, mostra que professores do ensino médio também têm pouco acesso à cultura. A seguir, alguns resultados:

- 45% nunca foram ou foram uma única vez ao museu;
- 40% nunca foram ou foram apenas uma vez ao teatro;
- 25% nunca foram ou foram somente uma vez ao cinema;
- 60% não têm e-mail e não usam a internet para se comunicar.

Com essa realidade, expressa nos números acima, envolvendo praticamente metade dos professores, fica difícil qualquer tipo de proposta sócio-educacional criativa ou crítica. Ainda, são inúteis os processos de autopercepção dos alunos, no sentido de

⁹ DEPRAZ, 2007.

levá-los a apreender mais ampla e criticamente as informações desse mundo contemporaneamente cibernético.

Na pesquisa também chama a atenção o fato de 28% dos alunos das escolas públicas se basearem nos títulos como “motivação” para a leitura, contra 22% dos da escola. O fato a considerar, crê-se, é não o “valor” literário do título (e do autor) e, sim, as pressões que envolvem o processo de leitura, e suas exigências pontuais como, por exemplo, uma prova a ser feita depois da leitura exigida, ou as listas de livros para o vestibular. Para 12% dos alunos da rede pública, o autor do livro também é mais importante, contra 7% dos alunos na escola particular.

Sob o quadro geral desse “fenômeno dialógico” de práticas de leitura, considere-se que tal realidade de informações obtidas se insere em um contexto bem maior de atividades relacionadas à aquisição de leitura, enquanto linguagem adquirida, e sua referente percepção fenomenológica inserida em um ambiente agora sócio-cibernético. Sobre esse ambiente, estudos de grupos envolvidos com *novos usos* de uma tecnologia cada vez mais presente nas variadas situações educacionais avaliam que, e mesmo tão avançada em termos de elementos computacionais, ela não pode ser amplamente utilizada pelas escolas – marcadas por estruturas de ensino ainda muito dependentes de um sistema de aprendizagem presencial, didático-sequencial em que o aluno, via de regra, não tem noção de sua “individualidade coletiva”.

Note-se que essa realidade educacional não facilita a popularização de seu uso (dos elementos da informática) pelos professores e mesmo contribui, em alguns casos, para o aumento de um certo tipo de “tecnofobia” (CARRERA, 1998). Note-se, também que sob o ponto de vista pragmático, a verdadeira revolução das redes está por acontecer, já que os sistemas de utilização dessa “onda tecnológica” carecem, ainda, de uma pedagogia com didática mais criativa e, sobretudo, de uma apropriação artística e emocional dessas redes. Essa revolução poderia, de fato, integrar tais elementos em uma eficiente formação dos docentes e na eficaz aprendizagem dos alunos, no sentido fenomenológico da devida percepção dos limites do indivíduo e de sua dependência dos outros.

- Metodologia aplicada:

A pesquisa, realizada em 2005, com 191 alunos de uma escola particular (Plano Piloto) e 87 alunos de duas escolas públicas de ensino médio (uma do Plano Piloto e

outra de Taguatinga), foi estruturada por meio de questionário – de base qualitativa e quantitativa – composto com 12 questões subjetivas e objetivas:

Resultados gerais

	particular	públicas
Gosta de ler	71%	79%
Adquiriu senso crítico com a leitura	70%	86%
Acha que a leitura ajudou a compreender o mundo em que vive	62%	70%

Autores mais lidos nas escolas públicas

	leram	gostaram
Machado de Assis	76	84%
Mário de Andrade	49	84%
José de Alencar	45	80%
A. de Azevedo	42	93%

Autores mais lidos na escola particular

	leram	gostaram
Machado de Assis	152	73%
Luis Fernando Veríssimo	133	97%
José de Alencar	109	67%
Paulo Coelho	101	65%

Itens que os alunos se baseiam para ler os livros

	públicas	Particular
Título	28%	22%
Outros	17%	21%
Autor	12%	7%
Lista dos mais vendidos	6%	7%

Percepção mais crítica do mundo após leituras feitas

	públicas	particular
Percepção do outro	84%	73%
Percepção de si	80%	97%
Percepção da sociedade	65%	67%
Percepção da escola	60%	65%

Itens que os alunos listam como dificuldades para leitura

	públicas	particular
Incentivo da família	28%	22%
Incentivo dos amigos	17%	21%
Preço	12%	7%
Incentivo de professores	6%	7%
Apoio da escola	46%	32%

Referências bibliográficas:

ALLISON, David. *Derrida's critique of Husserl and the philosophy of presence*, 2007.

In: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php>

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. do francês por Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CARRERA, Dolores (Coord. del Taller de Educación). *Telemática y educación – conclusiones del taller de educación*. Congresso sobre Publicación Electrónica, Maig'98. In: http://www.ucm.es/info/especulo/numero_8/dcarrera.html

COELHO NETTO, J. Teixeira. *Semiótica, informação e comunicação*. São Paulo: Perspectiva, 1990.

DARTIGUES, André. *O que é fenomenologia?* São Paulo: Centauro, 2003.

DEPRAZ, Natalie. *Compreender Husserl*. Trad. de Fábio dos Santos. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

GUARESCHI, P. A. Pressupostos psicossociais da exclusão: competitividade e culpabilização. In: Sawaia, B. (org.) *As artimanhas da exclusão – análise psicossocial e ética da desigualdade sócia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

HERRICK, Tim. Fenomenologias da linguagem em Bakhtin e Merleau-Ponty (trad. de Carlos A. Faraco). In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de (orgs.). *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

PEIRCE, C.S., *Writings of Charles S. Peirce: a chronological edition*. Indiana: University Press, 1986.

PIGNATARI, Décio. *Semiótica & literatura*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

.....